

A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

A PAZ NÃO LHE SERVE...

Os jornais monárquicos e reaccionários, com aquele impudor e aquela hipocrisia que os caracterizam, mal sonham que neste paiz pode haver uma era de paz e de concórdia—perdem logo as estribeiras.

Indignam-se, irritam-se, erguem-se em grita clamorosa.

Desvairados e apopléticos, não há intolerância que não préguem, não há vindicta que não defendam, não há alevisia que não espalhem.

Para melhor conseguirem os seus fins, estes jornais reaccionários e monárquicos arvoram sempre como bandeira o nome de Deus, escolhem sempre para tablado das suas acrobacias os princípios cristãos, plenos de bondade e de tolerância.

Mas essa crôsta de hipocrisia só serve para ocultar, aos espíritos ingénuos, aquêles ódios esverdeados que os inspiram, aquêles fundos rancores que não perdôam.

Dizem-sse adeptos da religião de Cristo, toda ela bondade e perdão, toda ela resignação e piedade—mas só espumam raivas e furores, só reclamam vinganças e perseguições, como se apenas se sentissem bem entre sangue derramado e desgraças irremediáveis.

* * *

Fale alguém de paz entre republicanos.

Tente alguém, por patriotismo, estabelecer concórdia entre republicanos.

Procure alguém, para evitar mais lutas e mais misérias, estabelecer um justo entendimento entre republicanos.

E logo êsses jornais monárquicos e reaccionários se levantam irados, implacáveis, rajados de sangue—a impedir toda a paz, a evitar toda a conciliação, a contrariar todos os acórdos.

A paz não lhes serve.

O que lhes serve a êles, o que a êles lhes aproveita, é a desordem, é a confusão, é a luta entre os republicanos.

Como só podem pescar quando as águas corram turvas, como só podem manobrar nas trevas, como a luz do dia os cega e perturba—os jornais monárquicos e reaccionários vivem apenas de espicaçar velhos ódios, de agravar velhos rancores, de acirrar novas incompatibilidades.

Obra tenebrosa e vil.

Obra anti-nacional e anti-patriótica.

Obra profundamente repugnante e profundamente criminosa.

* * *

Pois o dever de todos os republicanos, perante essa obra de traição e de vilania, é erguer cada vez mais alto a bandeira da paz e da concórdia.

Da paz, perfeita e justa, entre todos os republicanos.

E deixemos gritar, na noite silenciosa e fria, as hienas da Reacção, sem pátria e sem lei, que só se sentem bem olfateando sangue...

A vitória será sempre nossa.

O futuro será nosso, sempre.

Ribeiro de Carvalho.

Da «Repblicca».

Coisas e Loisas

Quanto a mim, a única maneira de salvar Espanha está em dela fazermos presente ao sagrado Coração de Jesus.

Assim falou um dos esteios da monarquia visinha, um «grande» de Espanha, talvez, em comício realizado para propaganda monárquica. Quer dizer: aquilo por lá está tão tempestuoso, que já se não pode esperar salvação de meios humanos, pelo que este esteio da

realeza apela para o sobrenatural. Está bem. E' lógico.

O que nos não parece lógico, a nós que, positivamente, já não vivemos na idade média, é a ingenuidade, a simplicidade, do esteio.

Faz-nos lembrar aquela dos bispos italianos, que, para fazer calar a voz trovejante de um vulcão, resolveram cantar-lhe ao ouvido os esconjuros e anátemas dos livros sagrados.

A causas perdidas nem o diabo acode.

* * *

Pio Baroja, que não é monárquico, nem republicano, nem comunista, nem... nada, é de opinião que em Espanha renasce o sentimento monárquista. No entender de sua excelência, no campo e nas aldeias, pelas serras e florestas, no padre e no sacristão, há grandes forças ocultas que, a manifestar-se, o farão pelo rei.

Parece que o sr. Pio, ao opinar deste modo, lia ou acabava de ler, certa imprensa portuguesa dos últimos dois anos da lusa monarquia.

Também lá se dizia a mesma coisa; o rei tinha um devoto em cada vassalo. Uma senhora, mestra primária, se a memória me não engana, confessava em versos de pé côxo a sua dedicação ao rei e proclamava que até as árvores e as fontes e as pedrinhas da calçada o amavam. Era um delírio, de amor à realeza, muito historicamente posto em hinos e hossanas por vários *pios* e *pias* da nossa grei. Vai, se não quando...

Não, meu caro senhor: o amor da serra e o da sacristia são de pouca monta em tais casos. A prova está feita nessa maratona que principiou na Oliveira e que os cronómetros políticos a tempo registaram.

* * *

Temos o máximo respeito pela vida humana. Uma vida é um valor e de todos os valores necessita a colectividade para sua defeza e progresso. Por outro lado, a vida é um dom que só uma vez se gosa, ainda que isto mal pareça aos bûdicos e espiritistas.

A vida, triste que seja, é bela, quando a sabemos iluminar de respeito por nós próprios e do amor do próximo. E sentimos isto sem que para nós o Sol dos poetas, o esplendoroso carro apolíneo, tenha tido grandes mimos e fulgências: Nesse ponto, não temos, que nos queixar das canículas, sem inveja o dizemos.

Uma vida que tomba é uma dor que nasce, e, por mais desesperos que uma vida encerre, à sua volta gira sempre, brilha sempre, o bedito só da esperança.

Quando, ao nosso lado, uma vida se extingue, lamentamos não poder reavivar-lhe a chama. A vida do meu inimigo é-me tão querida como a minha. Lamechice, humanidade? Como queiram. Talvez egoísmo. Certo é que temos como sagrada a vida, a superá-la em divindade a honra, apenas. E assim é que estranhámos a atitude de certa imprensa, que a si própria se alcunha de *bôa*, perante a condenação à morte de dois ou três dos chefes da revolta política de Jacz, na Espanha.

Quando, em luta leal, o governo mexicano vitimava alguns fanáticos, que interessadamente o combatiam, essa imprensa soltava o brado do protesto, da revolta, contra o «assassinio dos mártires», quando o governo russo decreta, em nome não se sabe de que leis, a morte de algum dos seus contrários, logo essa imprensa vocifera contra o autoritarismo, a arbitrariedade, o crime. Agora, que se trata da defeza de um trôno, calam. Hipócritas, o valor da vida para eles, varia com o individuo! Tartufos, o ódio sectário não lhes permite um conceito nobre da justiça!

A bôa imprensa, os pandilhas!

SAÚDE E POLÍTICA...

O governo da Ditadura autorizou, em tempos, o regresso de Paiva Couceiro, a Portugal, a fim deste exilado político tratar da sua saúde e de visitar uma pessoa de família, que na ocasião se encontrava doente.

Sucedeu, porém, que a questão de saúde está resolvida, tendo o beneficiado aproveitado a oportunidade para entrar, de novo, na actividade política.

Não nos assusta o gesto do chefe dos *heróis da Portela do Homem*, mas é caso para chamarmos para ele a atenção do Governo actual, pois não nos consta que na autorização concedida estivesse prevista esta circunstância.

Paiva Couceiro, um dos maiores inimigos da República, o homem das *notas carimbadas*, não pode merecer a confiança de nenhum republicano, facto claramente provado com o seu passado. As suas tentativas contra as instituições republicanas, que tiveram como desfecho a célebre Junta Governativa do Norte, são o reflexo do ódio que este cabecilha monárquico sempre teve à República.

Não se justifica, pois, que, após tanta traição e tanta cobardia, se consinta que este *aventureiro* tenha o desplande de declarar a sua entrada na actividade política, sendo certo que não é, adentro do País, mais do que um tolerado! É necessário que a de igualdade de tratamento entre os republicanos e o chefe da conspiração monárquica, não vá até ao ponto de alguém supor que a República já não existe em Portugal. A *ingenuidade* de alguém acreditar na lealdade de Paiva Couceiro é reveladora de pouco escrúpulo político, da parte de alguns ditos republicanos.

Importação de milho

(A PROPÓSITO)

Ninguem pode ignorar que o pobre, aquêlé que não tem *eira* nem *beira*, tem de mendigar uma esmoia para não morrer de fome. A falta de trabalho é o principal factor da miséria que há, actualmente, em tantos lares, onde não há um trapo para agasalho nem um bocadinho de pão para comer.

A crise de trabalho, hoje alastrada por várias terras do País, é o maior e mais penoso flagelo da classe operaria, porque as suas consequências são sempre funestas, arrastando centenas de famílias para uma luta que não podem vencer—a luta pela vida! Infelizmente, também entre nós se desenrolam êsses cenários de tristeza, e não nos consta que qualquer medida tenha sido tomada no sentido de acudir ás necessidades do operário, principalmente daquele que quer trabalhar, daquele que se vê rodeado dos filhinhos, pedindo pão, clamando contra a fome.

São inocentes que pedem compaixão, e que protestam contra a morte cruel e traiçoeira de que a miséria e a fome são portadoras. E' para este problema que nós vimos chamar a atenção de todas as

Gantigas :: :: da minha Terra

*Teus olhos são prisioneiras belas
Cheias de luz—que imaginas!—
Onde espregitam as janelas
Duas formosas meninas...*

*Tam pequenina, a teus pés,
Brinca alegre essa menina...
Mas se hu-de ser o que és
Que morra, assim, pequenina...*

*E se acaso ela viver...
E o entendimento em si caiba:
—E's tu que tens de morrer,
Que o que fiste ela o não saiba...*

*As folhas secas do outono
Choram baixinho ao tombar...
E até no extremo abandono
Quem as pisa ouve-as chorar...*

*Vezez há que me comparo
A um menino e julgo sê-lo...
Olho-me ao espelho e reparo
Que tenho branco o cabelo...*

*A mocidade perdi-a
Sem o sentir que loucura!...
—Fiz da noite o eterno dia,
Via o sol na noite escura...*

*Eu bem sei que vals morrer
Já vês a morte... ao de leve!
—Filha, deixa-me aquecer
No teu cadaver de neve...*

*Mais terrível que um ladrão
Ao cemitério hei-de ir eu
Arrancar-te o coração
P'ra o aquecer junto ao meu...*

*A tua boca assassina,
Tam pequenina e tam forte:
Mata mais que a 'striquinha,
Quando beija espalha a morte...*

*Tem a frogancia flúida
D'uma flor de sangue a arfar
Tua boca estremeceida
Quando se abre p'ra... ferrar...*

*Vão-se os anos num cortejo
De ilusões—que a vida faz!...—
Mas se já velho me vejo
Sinto-me, ás vezes, rapaz...*

*Se o pranto, assim, de mansinho,
Nos deixa o rosto sulcado,
Hei-de estar muito velhinho,
Pois muito tenho chorado...*

Delfim de Vimaranes.

autoridades da nossa terra, e bem assim do próprio Governo, a fim de que o mal, que já é grande, muito grande, não continue a ser maior.

Resolva-se a crise de trabalho e atenuem-se a crise da carestia da vida, e será, assim, dada uma satisfação à urgente resolução deste importantíssimo problema. A importação de milho, já autorizada pelo Governo, e contra a qual protestou a Comissão Administrativa da Câmara deste Concelho, protesto que visa defender os enormes celeiros de alguns dos protestantes, é uma medida que merece o aplauso de todos aquêles que têm coração, e que, portanto, deve ser levada a efeito, embora alarmando os membros da Câmara de Guimarães!!

Este número foi visado pela Comissão de Censura

**Individualismo? Não!
Colectivismo? Sim!**

Já o grande apóstolo da Democracia Antonio José de Almeida, dizia:

«Fui sempre contra o mesianismo político, que tantas vezes tem perturbado, ao longo da sua história, a vida do povo português».

O rotativismo que tão combatido foi no tempo da monarquia, e com justificada razão, por ser a alternância no poder, de dois partidos ACORDADOS ENTRE SI para evitarem uma séria fiscalização parlamentar e para partilharem o cuidado... de se pouparem um ao outro, apesar desta grande anomalia, tinha ainda outra maior, que era serem formados à volta dum chefe, o que é contrario a todos os preceitos de agremiações que acatem normas democráticas.

Do rotativismo resultou a ambição da conquista do Estado, que é a peor herança que recebemos da monarquia.

Apesar de já nesse tempo, o individualismo e o rotativismo serem combatidos para a conquista dum sistema, em que além de chefes houvesse directorios, e em vez de dois partidos houvesse tantos quantos as correntes de opinião existentes no paiz, o certo é que, apesar de estarmos em República, as coisas tem continuado na mesma, a haver chefes e caciques, não nos servindo de lição os exemplos da monarquia.

Temos que arripiar caminho. E nesta hora, em que de Norte a Sul do paiz, se ouve em unisono a voz dos republicanos, proclamarem que temos de nos regular por processos novos, em harmonia com os principios democraticos, não posso deixar de apontar que, um dos maiores erros dos partidos Constitucionais da República, foi formarem-se à volta de homens e não de programas.

O saber e a intelligencia de qualquer individuo filiado em alguma das agremiações políticas, deve ser respeitado, mas a sua vontade, não se póde, nem se deve impôr ao querer e ao sentir da maioria da colectividade.

Na Democracia, só se admite a base partidaria, porque o seu governo constitue a expressão maxima das diversas correntes de opinião publica.

E é por isso mesmo que as sociedades que luctam, que reformam velhos principios e velhas instituições que progridem e avançam para um futuro radiante de felicidade e bem estar, como a nossa, não podem subordinar a vontade de uma colectividade, a um chefe, por mais prestigioso que ele seja, sem atraiçoar os principios da Democracia pura.

Republicanos!... Aceitemos os partidos Constitucionais da República, como se acham organizados, mas logo que haja oportunidade, elejamos os directorios de forma a representar o sentir da colectividade, e não a vontade de quem quer que seja.

Albano Cruz.

De «A Plebe».

Dr. Carlos Bacelar

De passagem para Amarante, e em serviço de fóro, na semana finda tivemos o prazer de abraçar o nosso illustre correligionário e muito digno Presidente da Comissão Municipal do P. R. Português, em Famalicão, Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Bacelar, advogado distintissimo e republicano dum fe inquebrantável.

ATRAVÉS DOS TEMPOS

Um feixe de notícias históricas. Memórias de Tolstoi. Recordos da sua vida e da sua obra. Analogia dos extremos. A China no século XI

Por vezes se assevera que—em abdo de castas já proscritas, rezem séculos e séculos de história. Contra a ignorância das gentes falam velhos pergaminhos, ou erguem-se torres milenárias, atestando copiosos feitos. E é de ver as narrações pseudo-heroicas de pilhagens sanguinárias ou as aventuras épicas de «malfeitores enobrecidos» através da seára alheia.

E' o pânico e a consternação que se espalham pelos habitantes rurais; o nobre é para os infelizes a fera que os espreita do covil que se ergue, desdenhosamente em forma de castelo, sobre o cômoro da montanha ou sobre as ameias do burgo senhorial. E' uma fera que os espreita sinistramente, mais perigosa que as outras feras; porque o que nestas é instinto é naquele raciocínio que desola e rouba, que tortura e constrange. Há momentos em que os guerreiros põem sítio afrontoso à vila que pacatamente se estende ao longo duma encosta. Há luta... há sangue. E se olharmos profundamente, por entre as aluviões de poeira que tudo encobre, ser-nos-ha fácil lobrigar um farrapento batalhão de escravos estorrecidos de pavor, acorrentados, mudos, horrendos. São despojos vivos da escaramuça, trofeus do conquistador.

Trofeus do conquistador!

Naquê tempo o latrocínio em alta escala gosava foros de nobre ocupação.

Creio que ainda hoje. Se o famoso salteador, José do Telhado, visse a mesma vida de bando-leiro na época de D. Afonso Henriques, superava Geraldo Geraldes e formava estirpe de alta linhagem. Mudavam-lhe o ferrete de gatuno pelo apelido de «intemerato» ou de «conquistador».

Mas se um bispo daquelas eras, aguerrido e brutal como os seus coetâneos, revivesse hoje na crápula de outrora—trocando o manto de asperges pelo brial de cavaleiro, a mitra pelo elmo de aço e o báculo pela espada homicida—não levaria vantagens ao popular chefe de malta. Era um caso simples: prisão correccional ou degredo de forçado.

E há quem suspire por aquêles saudosos tempos em que era dado a um mitrado atacar às escancaras, de potentes arnés e lança em riste, os dez mandamentos da lei de Deus.

Saudosos tempos!

Enspada no generoso sangue da arraia miuda, a terra procriou bem mais intensamente. Havia em cada montículo um cadastro de sombras, em cada rocha uma nomenclatura. As Pirâmides do Egito e o «Circo Romano» são monumentos de desolação e de morte. Muito embora diferentemente, todos são horrorosos. E o castro que se eleva no alcantil inacessível dos rochedos—por ser um ninho de águias, águias humanas—simplesmente infunde terror. Já sobre aquêles muros entreteveram ócios algumas remotíssimas gerações; figuras de dissipação e luxúria, de cobiça e lascívia, de crueldade e intemperança.

David Braga.

(Continúa)

Lêde e propagai
«A Velha Guarda»

HISTÓRIA

OS MONARQUICOS... E A BROCA

Um jornal monárquico da manhã (os leitores já sabem qual é... e não se torna portanto necessário sujar o papel imprimindo-lhe o nome...) diz que os republicanos dos partidos se preparavam para arrombar cofres, servindo-se para isso de uma broca electrica.

Os leiteiros sabem que as revoluções republicanas, têm revelado por parte dos republicanos a maior honestidade, a maior isenção, o maior respeito pela propriedade.

São factos históricos, e contra factos não há argumentos. Nem no 5 de Outubro ou no 14 de Maio, ou no 5 de Dezembro ou na vitória de Monsanto e do Norte houve o menor roubo ou assalto à propriedade.

Nem sequer no 19 de Outubro, cujos ignobeis massacres não foram aliás da responsabilidade de qualquer republicano.

Pelo contrario: durante a monarquia do Norte deram-se vários assaltos aos cofres das agências do Banco de Portugal, caiva do Estado, em diversas cidades do Norte, dpnde foram retirados importantes quantias, muitas e muitas centenas de contos.

E quem fez os assaltos?

Alguma turba-multa indisciplinada?

Não! Figuras categorizadas, da causa monárquica, sendo o produto dos assaltos entregue ao chefe da revolução, o qual, em vez de resistir as centenas de contos roubados ao seu legítimo possuidor, o Estado Português, distribuiu esse dinheiro pelos seus apaniguados.

E' legítimo, portanto, perguntar á opinião pública, honesta e imparcial:

—Será ou não será esta história da broca electrica, para arrombar cofres de bancos, mais uma calunia, cinica, descarada e revoltante, de quem tem responsabilidades e cúmplicidades, pelo menos morais, nos roubos feitos ao Estado em 1919, contra os republicanos?

Digam os homens honestos de Portugal: Quem é que, com ou sem brocas electricas, assaltou os cofres do Banco de Portugal, levou para Espanha muitas centenas de contos e os distribuiu pelos apaniguados?

Os republicanos ou os monarquicos?

Da «República»

Região Escolar de Braga

Professorado descontente

Nunca escrevinhei, mas, chamado á liça pelo sr. J. Botelho, vejo-me obrigado a fazê-lo, expondo os factos, e os respeitáveis leitores que julguem.

Após a publicação do artigo do tal x, no «Correio do Minho» o sr. Rodrigues deitou epístola e teve a delicadeza de a mostrar.

Passados poucos dias, o sr. Botelho por moto próprio ou por sugestão alheia—*pôs anda aqui caveira de burro!*—fez uma carta apreciando o artigo do tal x, carta que veio publicada na «Velha Guarda» de 25 do corrente, mandou-a imprimir e pôs-lhe á margem: Pede-se ao colega a fineza de assinar, querendo, e devolver no mais curto prazo.

Esta carta, para os professores da mesma escola, foi metida no livro de frequência e, para os da escola feminina, que é no mesmo edificio, e para os das aldeias, foi enviada pelo correio.

Onde está a correção, a lealdade e o espirito de camaradagem?!

Porque se não dirigiram, pessoalmente, aos professores da mesma escola?!

Assim o mandava a boa razão

e assim o entenderam duas senhoras professoras da escola feminina, que foram perguntar ao sr. Botelho o motivo de tal procedimento, respondendo este que foi por lapso!!

Querem-na melhor?! Foi por este procedimento que eu disse, digo e direi que procederam muito incorrecto e extratemporaneamente.

A grande maioria do professorado desconhece o artigo do tal x e, assinando a sua critica, não soube o que assinou. Além disso, parece que só há professores no concelho de Guimarães, porquanto os dos restantes concelhos do distrito nada disseram!

Finalmente, julguei-me despeitado, pois que tenho sido sempre correcto para com os colegas e, quando recorrem ao meu fraco préstimo, tenho-os sempre servido no que posso e até onde posso. Termine, pois, prometendo não voltar á liça e aconselhando o sr. Botelho a que faça o mesmo, porque isto é feio para educadores, e que leia o n.º 2 da «Acção Escolar».

Guimarães, 29/12/930

P. A. Correta

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

O Presidente da Direcção da Sub-Agência em Guimarães, enviou á Direcção Central da Liga dos Combatentes a seguinte proposta:

Tendo em consideração os valiosos serviços clinicos prestados gratuitamente e com notável dedicação e desinteresse aos Combatentes da Grande Guerra, da area desta Sub-Agência, pelos Ex.^{mos} Srs. Doutores Alfredo Pinto de Sousa e Castro, Director Clinico da Companhia dos Banhos de Vizela, Augusto Ferreira da Cunha e Alberto Ribeiro de Faria, médicos nesta Cidade, representando esta esta acção humanitária grandes beneficios para os humildes soldados que, nos Campos de Batalha, da Africa e da Flandres, bem souberam cumprir os seus deveres.

Considerando que benfeitores como estes Cidadãos muito podem concorrer para o desenvolvimento e progresso da nossa acreditada instituição;

Tendo em atenção as qualidades morais e civicas dos mesmos Ex.^{mos} Srs., tenho a honra de propor a V. Ex.^a que, nos termos do § 3.º do art.º 7.º dos Estatutos, sejam admitidos sócios de Honra desta Sub-Agência.

Atendendo também aos valiosos serviços prestados e que, de futuro, venha a prestar á causa dos Combatentes, proponho, nos termos supra, para nosso sócio de Honra o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Faria Martins, Advogado nesta Cidade;

Considerando, finalmente, que a Companhia dos Banhos de Vizela grandes beneficios também tem concedido e continua a conceder da melhor boa vontade, aos nossos camaradas da Grande Guerra, pertencentes á area do antigo Regimento de Infantaria 20—facultando banhos gratuitos ás praças e com 20% de desconto aos graduados—auxilios estes tão humanitários que honram sobremaneira os seus illustres membros;

Nestes termos: E de harmonia com os nossos Estatutos, igualmente, tenho a honra de propor a V. Ex.^a para que esta prestimona Colectividade seja admitida na nossa Liga com as Honorarias já expostas.

O Presidente

da Sub-Agencia em Guimarães.

(Ass) Domingos José Vieira de Andradê.

Capitão.

Am.º e colega Rodrigues

Recebi o teu postal. Escrever para Braga, para quê? Para os lados de Balpeira a questão liquida.

Para cá da Moreira o rescaldo acaba agora.

E olha, caro colega, quando de lá soprar novo vento pela mesma tuba, abramos o sombreiro, sacudamos alguma poeira e deixemos passar a rajada.

Observa bem aquele desmanchar de feira!

Convidados a discutir ou, pelo menos, focar o nosso pensamento, responderam com as infantilidades que o público teve ensejo de apreciar.

Ninguém quer ser o pai da criança.

O modelo de correção e lealdade desde que o pé da «mesa pé-de-galo» fincado em Guimarães; deu o primeiro sinal de alarme da nossa discordância, foi talhado por este figurino; abafar inicialmente o protesto contra condenáveis processos de atacar com girandoias de fogo muito permanente para produzir a confusão; demorar a minha reclamação na redacção até poder-se realizar a conferênciazinha em Guimarães naquela tarde de 20 próximo pretérito em que ficaria assente suprimir a letrinha «e» do P maiúsculo para se encaixarem as iniciais na categoria de charada indecifrável, bem como a supressão do «padre» onde ele ficava a matar; publicar uns 30 nomes e alegar que são 80 os professores do concelho de Guimarães com a piedosa intenção de deprimir a corrente que apoiou a nossa opinião, sendo certo que era fácil averiguar que são 80 as escolas do concelho, mas muitíssimo inferior o número das que funcionam.

Tudo isto pelo estafado regime de conta-gotas e depois de sustadas pelas vias normais.

A verdade é que excede quarenta e muito se aproxima de 50 o número de signatários da carta publicada.

Confesso-te, colega Rodrigues, que é muito contrariadamente que no balanço do ano que vai terminar me vejo compelido a referir-me a assuntos que tresandam a insensatez, a má fé, a maldade, para não o etiquetar de mais repelente fealdade.

Fique-se o x com a sua glória: fique a secção... com a resplandecência de colaboração deste quilate; fique a tripeça com os trofeus de mais uma vitória conquistada por processos tão discutíveis, que eu contento-me com a tranquillidade da consciência de mais um dever cumprido. Teu amigo dedicado.

Vilas Boas, em 23-12-930.

Professor Jerónimo Ferreira Botelho.

Companhia «Atlantic»

Do seu representante em Guimarães, recebemos uma Agenda para o ano de 1931, pelo que agradecemos ao Ex.^{mo} Sr. Francisco da Cunha Mourão a gentileza da oferta.

Assina! «A Velha Guarda»

VENDE-SE

Automóvel «Overland», 5 lugares, em bom estado.

Falar na Praça de D. Afonso Henriques, 38 e 39.